

Práticas Interpretativas e a Pesquisa em Música: dilemas e propostas

Felipe Avellar de Aquino

Resumo: Este trabalho faz referências à trajetória da sub-área de práticas interpretativas na pós-graduação no Brasil. O autor defende a aceitação da produção artística como atividade intelectual, propõe maior interação entre as quatro sub-áreas de música, como também elabora propostas de políticas para atuação na área, de acordo com as diretrizes da CAPES. Estas propostas são lançadas para a comunidade acadêmica com o intuito de fomentar o debate em busca de políticas concretas para a área de música.

Palavras chave: Pós-graduação. Música. Práticas interpretativas.

Abstract: This article makes reference to the development of performance as a field within the graduate programs in Brazil. At the same time, the author defends that performance should be accepted as an intellectual activity. He also proposes more interaction between the four sub-areas of music, as defined by CAPES, and suggests new directions to the development of music, both as art and academic area.

Keywords: Graduate programs. Music. Performance.

A trajetória da sub-área de práticas interpretativas dentro do cenário da pós-graduação no Brasil é bastante peculiar¹. A mesma passou por estágios bem distintos, sendo inicialmente tratada com descrédito dentro da própria área de música. No entanto, as atividades de performance encontram-se atualmente em seu melhor e mais sólido momento, com amplas perspectivas de crescimento e consolidação.

Relendo o texto do Prof. Marcelo Guerchfeld, publicado nos Anais do IX Encontro da ANPPOM (Rio de Janeiro - 1996), que tão bem relata a situação da atividade de performance naquele momento, podemos verificar que houve uma notória alteração nas diretrizes para atuação na sub-área e, acima de tudo, que esta nova política foi estabelecida graças a mudança de postura daqueles que compõem a área de música no país. Neste artigo, o

¹ O presente trabalho foi apresentado na mesa-redonda da sub-área de Práticas Interpretativas no XIV Congresso da ANPPOM, cuja temática foi centralizada na produção de conhecimento e políticas para a pesquisa em música.

Prof. Guerchfeld descreve claramente a linha divisória, então existente, entre o grupo dos pejorativamente chamados de “teóricos” – formado pelos musicólogos, compositores e educadores musicais – e os denominados, na época, de “inarticulados” – referindo-se aos intérpretes. A situação da sub-área de performance era de tamanho descrédito que este chega a clamar por uma política de valorização da produção artística ao afirmar que “os artistas intérpretes não precisam ingressar na Academia pela porta dos fundos” (Gerschfeld, 1996, p.65).

Apesar da existência, ainda que isolada, de alguma resistência à aceitação da produção artística como atividade intelectual, temos que reconhecer que esta discussão já alcançou um outro estágio. O atual debate caminha de forma distinta, pois é o momento de integração entre as sub-áreas de práticas interpretativas, musicologia, composição e educação musical, com vistas ao fortalecimento da área de música junto ao meio acadêmico e às agências de fomento. Vale destacar que estas discussões não são exclusivas do cenário musical brasileiro, uma vez que outros países já passaram por estes mesmos debates, com resultados proveitosos para a definição de políticas mais concretas para a área.

Portanto, podemos afirmar que já existe um certo consenso de que a produção artística, como atividade intelectual, é resultado de intenso estudo e reflexão prévia. Da mesma forma que a composição musical requer o conhecimento das linguagens, processos técnicos e estilos composicionais, a execução de um concerto ou recital, como ato de recriação da partitura, demanda um longo período de preparação. Infelizmente, para os leigos, a atuação do músico no palco nem sempre transmite esta idéia. No entanto, reflexão, análise, pesquisa musicológica, além, obviamente, do estudo dos problemas técnicos inerentes a cada instrumento, são etapas essenciais para se alcançar o nível de excelência artística. Paralelo ao que ocorre nos projetos de pesquisa, o produto final da produção artística está diretamente relacionado ao nível e aprofundamento das análises, bem como dos estudos previamente realizados. Obviamente, uma pesquisa desenvolvida de forma superficial, ou seja, sem o devido aprofundamento, embasamento ou rigor científico, produzirá resultados inexpressivos. Neste sentido, a CAPES já vem valorizando a atuação e o papel da sub-área, uma vez que o Prof. Dr. Celso Giannetti Loureiro Chaves, representante da área de Artes/Música,

104

afirma, nas diretrizes para abertura de novos programas de pós-graduação em artes e música, de junho de 2002, que a produção científica “deve estar equilibrada entre produção artística, bibliográfica e técnica”. Além disso, este documento é explícito ao estabelecer que “a área de Artes/Música considera que a produção artística é parte principal da produção intelectual dos Programas da área” (Chaves, 2002).

O papel dos que atuam na sub-área de práticas interpretativas – notadamente dentro dos programas de pós-graduação – é, certamente, de buscar o ponto de equilíbrio entre produção artística e produção bibliográfica, uma vez que devemos estabelecer níveis de excelência em execução instrumental e, ao mesmo tempo, oferecer os fundamentos teóricos, técnicos e interpretativos necessários para o desenvolvimento desta atividade. Deste modo, a publicação, em periódicos nacionais e internacionais, de artigos na sub-área tem crescido de forma inequívoca. Isto pode ser observado tanto em número quanto na qualidade e solidez das abordagens, o que atesta a consolidação das práticas interpretativas junto ao meio acadêmico.

O incremento da produção bibliográfica ajudou a derrubar o mito, injustamente criado, de que o intérprete não tem capacidade de reflexão nem de articular suas idéias. Ademais, a qualidade de muitas destas publicações vem comprovar a importância da visão do intérprete em relação ao seu repertório. É verdade que muitos criticavam a visão analítica ou musicológica do intérprete. Hoje, no entanto, há um consenso sobre a relevância da abordagem analítica voltada para interpretação, ou seja, a importância da aplicação de ferramentas analíticas capazes de subsidiar e oferecer soluções práticas para os problemas interpretativos. O crescimento da produção bibliográfica na sub-área de práticas interpretativas segue, na verdade, o que já vem a ser uma tendência internacional. No prefácio do livro *The Practice of Performance: Studies in Musical Interpretation*, John Rink (1995, p. ix) ressalta o crescimento de estudos acadêmicos na área de performance, incluindo neste espectro, a literatura a respeito da prática de performance histórica, psicologia de performance, relação entre análise e performance, e interpretação musical. Na mesma obra, William Rothstein (1995, p.217), no capítulo intitulado “Analysis and the act of performance” ressalta o crescente interesse acadêmico por parte dos teóricos em relação à performance musical. Mais especificamente, de como a análise pode

oferecer ferramentas e alternativas para as questões interpretativas. Este deixa claro, no entanto, que as especulações analíticas não eximem o intérprete das decisões interpretativas.

No cenário internacional, Malcolm Bilson, Paul Badura-Skoda, John Rink, Joel Lester, Janet Schmalfeldt, David Witten, dentre outros, são nomes que têm contribuído de forma eficaz para a produção bibliográfica de estudos voltados para a área de performance. No Brasil, da mesma forma, vários intérpretes-pesquisadores têm prestado importante contribuição para a consolidação da performance musical como atividade acadêmico-científica. Os trabalhos até aqui publicados evidenciam o crescimento e a solidez da pesquisa, como também atestam a consistência da produção bibliográfica e artística na sub-área de práticas interpretativas.

Alguns outros indicadores apontam para o fortalecimento das práticas interpretativas no Brasil, como o lançamento de um periódico específico da sub-área e a realização dos Seminários Nacionais de Pesquisa em Performance Musical. A *Per Musi – Revista de Performance Musical*, da Universidade Federal de Minas Gerais, já alcançou o reconhecimento da comunidade acadêmica e os Seminários Nacionais de Pesquisa em Performance Musical, ocorridos em Belo Horizonte e Goiânia, estão se credenciando como um importante fórum de discussões da sub-área, o que nos leva inclusive a sugerir a estruturação de uma associação nacional de estudos e pesquisas em práticas interpretativas como forma de consolidação definitiva da sub-área junto às agências de fomento e ao meio acadêmico.

Interação entre as sub-áreas de música

É inevitável reconhecer o caráter multidisciplinar da prática, do ensino e da pesquisa em música. Se o desenvolvimento pleno da atividade requer uma espécie de simbiose com outras áreas de conhecimento, esta, obviamente, deve começar com a plena integração entre as quatro sub-áreas de música: composição, educação musical, musicologia e práticas interpretativas. Apesar de alguns resquícios ainda existentes, é o momento de se decretar o fim de qualquer distanciamento entre as mesmas, pois é sempre pertinente lembrar a todos envolvidos na área – seja com atuação em pesquisa, educação ou performance – que a música é, em sua essência, uma

atividade artística, e que jamais devemos nos distanciar desta premissa. Neste sentido, Palisca (1984a, p. 17) afirma que “mais do que nunca, precisamos desenvolver o pesquisador no músico e o músico no pesquisador”. Além disso, este salienta que “... tem sido um objetivo educacional integrar o conhecimento ao invés de dividi-lo em diversas disciplinas e sub-disciplinas nunca relacionadas umas com as outras” (Palisca, 1984b, p.155). Joel Lester vai além, ao ratificar que a performance está para análise assim como análise está para a performance. No artigo intitulado “Performance and analysis: interaction and interpretation”, Lester procura demonstrar que determinados aspectos interpretativos são essenciais para a análise e afirma que “os teóricos devem compreender o que eles analisam, especialmente quando o objetivo desta análise é iluminar os intérpretes” (Lester, 1995, P.214).

A integração entre composição e performance, por exemplo, abre oportunidade para o intérprete não apenas estar em contato com novas linguagens, estilos composicionais e técnicas de notação musical, como também permite o desenvolvimento de aspectos técnico-instrumentais específicos para a interpretação deste repertório. Da mesma forma, vários conceitos desenvolvidos por musicólogos transformam-se em ferramentas fundamentais para as decisões interpretativas. Através da plena interação entre as sub-áreas de música poderemos certamente formar intérpretes com melhor embasamento teórico, além de teóricos preocupados em oferecer soluções práticas para as mais diversas questões interpretativas. Portanto, para o melhor desenvolvimento da pesquisa em música no País, com vistas à integração entre as sub-áreas, sugiro que as agências de fomento, notadamente a CAPES e o CNPq, passem a priorizar os projetos de pesquisa que promovam a interação entre as quatro sub-áreas de música. No caso de integração com a sub-área de performance, especificamente, as agências de fomento devem procurar privilegiar as pesquisas que incluam, como produto final, além da publicação de livros ou artigos, a realização de concertos, recitais ou gravações.

Laboratórios de Práticas Interpretativas

Após tanto investimento na capacitação de pessoal na sub-área de práticas interpretativas, por parte das agências de fomento, é fundamental que

sejam criados mecanismos que permitam alcançar um ponto de equilíbrio entre produção artística e produção bibliográfica. Apenas com o crescimento homogêneo destas duas vertentes da produção intelectual na área de música é que poderemos alcançar o nível de excelência tão almejado. Desta forma, como contribuição concreta, as Instituições de Ensino Superior devem passar a encarar seus auditórios, ou salas de concerto, como laboratórios de práticas interpretativas – equipamento fundamental para a formação do intérprete, aonde os músicos procuram aproximar ao máximo a situação de performance. O Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba, preocupado com este aspecto da formação musical – e por considerar esta terminologia a que melhor representa o trabalho ali desenvolvido – instituiu recentemente o Laboratório de Práticas Interpretativas Prof. Gerardo Parente, local aonde são realizados recitais, seminários, recitais-palestra, aulas coletivas e master-classes. Este projeto inclui, além de sua expansão física, a instalação de um estúdio de gravação de áudio e vídeo, a fim de auxiliar os estudos e as atividades de performance. Portanto, é imprescindível que as agências de fomento passem a financiar, de forma consistente, o aparelhamento destes laboratórios de Práticas Interpretativas. Isto inclui a aquisição de instrumental – notadamente Piano de cauda – revestimento acústico, além de equipamentos de gravação de áudio e vídeo. Este tipo de ação irá, certamente, contribuir para elevar o nível de performance musical no país, como também viabilizar e incrementar a produção do registro da produção artística, na forma de CDs e DVDs.

Propostas para a consolidação da sub-área de Práticas Interpretativas

Apesar do notório crescimento da sub-área de práticas interpretativas, temos que reconhecer que ainda não somos capazes de suprir as demandas do mercado de trabalho por pessoal devidamente especializado. Exemplo sintomático ocorre em nossas orquestras. Sempre que há a necessidade de revitalização desses conjuntos, com vistas a se alcançar um patamar de excelência, somos obrigados a recorrer a músicos de outros países, como foi o caso recente da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e da Amazônia Filarmônica. Obviamente, se por um lado a presença destes músicos enriquece o cenário musical do país e traz oportunidades de intercâmbio e engrandecimento do meio musical, por outro, isto demonstra

que nossas universidades não estão formando número suficiente de bons músicos para suprir as necessidades do mercado de trabalho. Ademais, se já alcançamos um excelente padrão no ensino e pesquisa em determinadas especialidades, isto não ocorre de forma homogênea em todo o país. Portanto, para o fortalecimento da área de música como um todo, é fundamental a descentralização dos cursos de pós-graduação, com a abertura de novos programas em outras regiões. Se observarmos a localização geográfica dos Programas de Pós-Graduação em Música, notamos que há uma concentração destes cursos em apenas seis estados: Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Portanto, geograficamente, existe uma aglutinação da produção de conhecimento na área de música no país. Afinal, como podemos conceber a idéia de que o Norte-Nordeste, que conta com um número significativo de doutores em plena atuação, com uma produção musical considerável, só possui um programa de pós-graduação, localizado na Bahia, que vem a ser o estado mais meridional da região?

Por outro lado, é inegável que temos excelentes músicos em formação e em atuação em todo o país. Algumas Instituições de Ensino atuam como verdadeiros centros de excelência em determinados instrumentos. Porém, as diversas especialidades da sub-área de práticas interpretativas não têm se desenvolvido de forma homogênea, criando deficiências na formação musical. Por exemplo, como formar bons violinistas e violoncelistas sem que tenhamos violistas da mesma qualidade? Como o músico em formação vai obter a experiência necessária de música de câmara, notadamente em quarteto de cordas, essencial para sua formação, sem contar com a participação de pessoal com a mesma qualificação? É necessário, portanto, incentivar e viabilizar a formação camerística e orquestral dentro das IES, tanto nos cursos de graduação como de pós-graduação, como parte essencial da formação musical do intérprete.

Desta forma, no atual estágio da sub-área de performance musical, é necessário que as Instituições de Ensino Superior, sob a liderança das agências de fomento, desenvolvam políticas específicas para a efetiva consolidação da sub-área. Estas, ao meu ver, devem priorizar os seguintes aspectos:

- 1) Maior valorização da produção artística discente no âmbito dos programas de pós-graduação;
- 2) Criação de mecanismos que valorizem e incentivem a produção artística docente dentro das Instituições de Ensino Superior;
- 3) Incentivo à produção de artigos, materiais didáticos e elaboração de compêndios sobre a técnica instrumental e interpretação musical.

Para viabilizar alguns destes aspectos, devemos discutir, inclusive, a idéia de se estipular cotas de bolsas de pesquisa especificamente para a sub-área. Mesmo sem dispor dos dados específicos, e até mesmo pelo fato das outras sub-áreas já estarem estabelecidas a mais tempo, não é difícil deduzir que um maior número de bolsas de pesquisas é destinado para as sub-áreas de educação musical, composição e musicologia. Porém, se observarmos os números dos programas de pós-graduação, a sub-área de performance é, provavelmente a que mais cresce. Como constatamos anteriormente, podemos observar avanços na produção de estudos e artigos com perfil analítico voltados para a interpretação musical, porém, notamos que ainda existe uma enorme lacuna na publicação de compêndios e artigos sobre a técnica e pedagogia instrumental, que seria preenchida com a criação destas cotas.

Além disso, levando-se em consideração a importância do registro da produção artística, reforço a idéia de que as agências de fomento devam priorizar os projetos de pesquisa, que incluam, como produto final, a gravação de CDs e DVDs, além, obviamente da publicação de livros ou artigos em revistas especializadas. Seguindo estas orientações, as Instituições de Ensino Superior devem, por sua vez, através das Editoras Universitárias, criar seus Selos de gravação, a fim de apoiar a difusão e divulgação da produção intelectual da sub-área de práticas interpretativas, além de auxiliar o intérprete nos encargos de produção e distribuição.

De acordo com as diretrizes do representante da Área de Artes/Música junto à CAPES, que considera a produção artística como parte principal da produção intelectual na área, proponho que sejam estabelecidas discussões sobre a viabilidade de criação de um programa de fomento especificamente voltado para o desenvolvimento da produção artística. Desta forma, este

programa consistiria na instituição de uma Bolsa de Produção Artística, inicialmente em caráter experimental, observando-se rigorosamente o mérito das propostas, a fim de se fomentar esta vertente da produção intelectual. As diretrizes de um programa desta natureza poderiam criar mecanismos para viabilizar projetos que hoje são ainda inviáveis ou de difícil execução como, por exemplo, os projetos que privilegiam o registro da produção musical brasileira do séc. XX, divulgação da música de novos compositores, gravação do repertório camerístico, dentre outros. Além disso, tal programa poderia tornar exequível a criação da figura do Conjunto em Residência, nos mesmos moldes do “Ensemble in Residence” comumente encontrado em Universidades Americanas. Estes conjuntos, além de desenvolver projetos similares aos acima mencionados, solidificariam a atividade de ensino e performance da música de câmara dentro das IES, além de realizar o trabalho de difusão do papel do intérprete na sociedade. A instituição de um programa de fomento à produção artística deve, no entanto, ser muito cautelosa a fim de não comprometer os importantes avanços alcançados na produção bibliográfica, uma vez que, como já foi dito, deve-se buscar o equilíbrio entre as duas vertentes da produção intelectual na área de música.

Conclusão

Se fizermos uma avaliação da produção de conhecimento na sub-área de práticas interpretativas nos últimos anos, temos que concordar de forma inequívoca com a afirmação de Gerschfeld (1996, p.65), que previa que “os artistas não precisam ingressar na Academia pela porta dos fundos”. No entanto, as políticas das agências de fomento para a pesquisa em música no país devem procurar promover uma maior integração entre as sub-áreas, além de criar mecanismos específicos para a efetiva consolidação da sub-área de performance. Finalizando, cito mais uma vez Palisca (1984b, p.197), referindo-se à produção intelectual na área de música: “(we) want to produce musicianly scholars and scholarly musicians.” Frase que resume, em poucas palavras, a essência das propostas acima formuladas.

Referências Bibliográficas

CHAVES, C. G. L. *Critérios mínimos para aprovação de um curso novo*. Portal da CAPES, 2002. Disponível em <<http://www.capes.gov.br>> Acesso em: 10 ago. 2003.

GERCHFELD, M. *Pesquisa em Práticas Interpretativas: situação atual*. In: IX ENCONTRO ANUAL DA ANPPOM. Rio de Janeiro, 1996. Anais. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 1996.

LESTER, J. Performance and analysis: interaction and interpretation. In: RINK, J. (Org.). *The practice of performance: studies in musical interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

PALISCA, C. *The chalenges of music teaching in higher education*. In: AUSTRALIAN SYMPOSIUM ON MUSIC IN TERTIARY EDUCATION, 1984, Nedlands. Ata. Nedlands: University of Western Australia, 1984.

_____. *Closing address*. In: AUSTRALIAN SYMPOSIUM ON MUSIC IN TERTIARY EDUCATION, 1984, Nedlands. Ata. Nedlands: University of Western Australia, 1984.

RINK, J. (Org.). *The practice of performance: studies in musical interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

ROTHSTEIN, W. *Analysis and the act of performance*. In: RINK, J. (Org.). *The practice of performance: studies in musical interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Felipe Avellar de Aquino. Doutor em música pela Eastman School of Music, Nova York (D.M.A. violoncelo/performance). Professor adjunto do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, atua nas áreas de Violoncelo e Música de Câmera. Além das atividades de performance, desenvolve pesquisas sobre técnica e literatura violoncelística, comunicadas em publicações nacionais e internacionais.
e-mail: fjaa@openline.com.br ou felipecello@hotmail.com
homepage: www.felipecello.homestead.com